

PAISAGEM URBANA

PRAÇA OSÓRIO

AVENIDA LUÍS XAVIER

RUA XV DE NOVEMBRO

PRAÇA SANTOS ANDRADE

Compreende um trecho do centro da cidade, abrangendo duas praças - Osório e Santos Andrade - ligadas por uma via com duas denominações - Rua XV de Novembro e Avenida Luís Xavier.

A ocupação dessa área deu-se na segunda metade do século XIX, com o enriquecimento da cidade durante o ciclo do mate. Por volta de 1870 pessoas a cavalo ou a pé e carro de bois eram os únicos transeuntes no caminho batizado por casas térreas, mal alinhadas, cobertas com telha canal e dotadas de quintais arborizados, em que a presença de roseiras e trepadeiras justificou a denominação de Rua das Flores. Quando em 1880 D. Pedro visitou Curitiba, a rua, pavimentada e iluminada a gás, foi rebatizada como Rua da Imperatriz, nome substituído após a Proclamação da República para Rua XV de Novembro. Nessa época o casario térreo já estava sendo substituído por sobrados de uso misto — comércio e residência — com sua arquitetura pelo ecletismo de vocabulário neoclássico, com cobertura em telha francesa ou alemã. Do final do século até os anos 30 consolidam-se as três funções básicas desse espaço comércio, habitação e lazer —, identificando-o como eixo comercial e cultural da cidade e sua área de maior convivência social.

Avenida Luis Xavier é o nome dado à extremidade da Rua XV de Novembro, em que a largura da via é maior. Possuindo pouco mais de uma centena de metros de comprimento, é reconhecida carinhosamente pela população como “a menor avenida do mundo”. Durante muito tempo foi a “Cinelândia” de Curitiba, pela concentração ali de três dos principais cinemas da cidade. Sua vocação de lazer iniciou-se em 1916, com a instalação do Palace Theatre, casa de diversões para apreciadores de patinação como dizia a propaganda publicada nos jornais da época. Em 1929 foi inaugurado o Cine Teatro Avenida; na década seguinte, o Cine Palácio; e 20 anos depois, o Cine Ópera. Destacam-se na avenida dois edifícios: o Palácio Avenida e o Moreira Garcez, que foram os primeiros prédios de apartamentos e escritórios da cidade. O Palácio Avenida, iniciado em 1927 e concluído dois anos após, abrigava inicialmente comércio no térreo e apartamentos nos três andares superiores. Alguns empreendimentos, como o restaurante Guairacá, o Café Alvorada e o Cine Teatro Avenida, foram referências importantes na vida de Curitiba por muitas décadas.

Em 1990 foi parcialmente demolido mantendo-se sua fachada principal por força do tombamento. Obedecendo a um projeto assinado pelo engenheiro Rubens Meister e pelo arquiteto Elias Lipatin, foi construída uma nova estrutura em concreto armado e restaurada a frontaria, sediando-se então, no “novo Palácio Avenida” o Banco Bamerindus, patrocinador da obra.

LOCALIZAÇÃO: CENTRO.

DATA DA CONSTRUÇÃO: DIVERSAS.

AUTOR DO PROJETO: DIVERSOS.

PROPRIETÁRIO: DIVERSOS.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 45/74. INSCRIÇÃO Nº 05, LIVRO DO TOMBO ARQUEOLÓGICO, ETNOGRÁFICO E PAISAGÍSTICO. DATA: 11/03/1974.

BIBLIOGRAFIA: CESAR, BRAULIO. “RUA XV DE NOVEMBRO. A EVOLUÇÃO DE UMA RUA”, IN ANUÁRIO SUL DO BRASIL, PP. 4 E 5, 1921.

PERIÓDICOS: A FALUA. Nº 1, P.26, 1916.

ILUSTRAÇÃO PARANAENSE, Nº 4, ANO III, 1929.

ARQUIVO DO IPPUC - INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA.



O Edifício Moreira Garcez, de oito pavimentos, começou em 1924 e terminando 3 anos depois, foi a primeira construção em concreto armado da cidade.

Restaurado e reciclado em 1994, constitui um dos melhores trabalhos de restauração e reciclagem de prédios da cidade, devendo-se o projeto a uma equipe de arquitetos da empresa Hermes Macedo, sob a coordenação do arquiteto Eduardo Guimarães.

O trecho da Rua XV que integra essa paisagem começa na avenida e termina na Praça Santos Andrade. Corresponde às quadras mais antigas, onde se vêem ainda seqüências de exemplares assobradados da arquitetura eclética do final do século passado ao início deste, interrompidos por alguns prédios modernos. Sobreviveram vários sobrados de vocabulário neoclássico com suas platibandas ornadas com jarros e estatuetas, vão de arco pleno, bandeiras envidraçadas de desenho raiado, ressaltos de massa em forma de guirlandas, pilastras filetadas, capitéis jônicos e coríntios.

Pela maior riqueza e originalidade destacam-se duas casas: a da esquina da Monsenhor Celso e a Casa Louvre. A primeira, onde funciona atualmente uma agência bancária, é sobrado de três andares, revestido em azulejos de cor amarela, isolados e vazado com portas e janelas de arco ogival guarnecidos por grades de ferro. Essa casa, de acabamento esmerado, tem seu interior reciclado de forma cuidadosa, na década de 70, segundo projeto e orientação do arquiteto Luis Augusto Amora. A Casa Louvre é outra edificação significativa, pelo esmero de seus detalhes, em que a influência do art nouveau é evidenciada nos vitrais externos e internos.

A interdição ao tráfego de veículos em 1972 pelo então prefeito Jaime Lerner modificou o panorama da via pública pela substituição do asfalto pelo mosaico e a introdução de mobiliário urbano construído em ferro com cobertura em acrílico translúcido. A transformação dessa rua, a principal via comercial da cidade, para





uso exclusivo de pedestres, foi experiência pioneira no Brasil, seguida depois em diversas cidades brasileiras.

As duas praças que balizam o trecho tombado são muito diversas. A Praça Osório na extremidade da Avenida Luis Xavier, é expressiva pelo agenciamento dos equipamentos recreativos em um espaço desenhado no século passado e pela presença de arborização de grande porte. O desenho básico da praça obedece ao clássico esquema radial tendo como elemento central um chafariz em ferro de origem francesa. Alamedas com bancos sombreados por eucaliptos, plátanos e pinheiros cruzam a praça. A necessidade de atendimento à população infantil residente no centro levou a prefeitura, no início da década de 70, a introduzir nesse espaço um play-ground cujo projeto coube à arquiteta Marlene Fernandes. Algum tempo depois brinquedos em ferro e madeira de cores primárias desenhados pelo arquiteto Orlando Busarello foram montados nesse local. Na arquitetura em redor, predominam edifícios de escritórios e apartamentos sem maior valor estético.

A praça Santos Andrade, na outra ponta do trecho tombado tem como um dos elementos principais o prédio da Universidade Federal do Paraná, construção de desenho neoclássico de porte monumental, ao gosto dos prédios públicos da primeira metade do século XX. Ao centro destaca-se o pórtico com colunas de ordem coríntia coroadas por frontão triangular. A vegetação da praça é de pequeno porte, arbustiva, com exceção de alguns pinheiros. Na outra extremidade ergue-se o Teatro Guaíra, principal casa de espetáculos da cidade, com capacidade para 2.000 pessoas, projetada na década de 50 pelo engenheiro Rubens Meister e concluída no final dos anos 70. Os dois outros lados da praça são ocupados por edificações de comércio e residência sem maior significado. 🌿





PALACETE DO BATEL

Entre os anos de 1912 e 1914 situa-se a data em que a firma construtora de Maurício Thá ergueu essa casa, para moradia de Ildefonso Rocha e sua família, sendo projeto do arquiteto René Sandreski. Transferida a propriedade, em 1922, para o Banco Francês e Italiano, como pagamento de uma dívida, foi no mesmo ano vendida a Benedito Bandeira Ribas. Quatro anos mais tarde foi adquirida por Ildebrando de Araújo, comerciante, industrial e prestigioso chefe político do interior paranaense, passando após a sua morte para a esposa, Leopoldina Conceição de Castro Araújo.

Edificação implantada no meio do terreno, cercada por jardim formado por gramados e touceiras de arbustos geometricamente compostos. A arquitetura, inspirada em modelos franceses da época, demonstra um repertório eclético em que alguns elementos merecem destaque: a torreta romântica no ângulo esquerdo, o corpo avançado à maneira das bow-window, o desenho art nouveau da porta de entrada principal, as marquises de vidro sobre modilhões metálicos e a cobertura, de forte inclinação, entelhada com placas de fibrocimento à semelhança de ardósia, interrompida por uma mansarda disposta no eixo da entrada principal. ✿



LOCALIZAÇÃO: AV. BATEL, 1.387 – BAIRRO DO BATEL.

DATA DA CONSTRUÇÃO: 1912-1914.

AUTOR DO PROJETO: RENÉ SANDRESKY.

PROPRIETÁRIO: PARTICULAR.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 47/74. INSCRIÇÃO Nº 46.

LIVRO DO TOMBO DAS BELAS ARTES. DATA: 03/02/1975.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.

GENEALOGIA PARANAENSE, VOL. V, P. 281.



PALACETE LEÃO JÚNIOR



LOCALIZAÇÃO: AVENIDA JOÃO GUALBERTO N.º 570, CENTRO.

DATA DE CONSTRUÇÃO: FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX

AUTOR DO PROJETO: ENG.º DR. CÂNDIDO FERREIRA DE ABREU

PROPRIETÁRIO: BRDE BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 02/02. INSCRIÇÃO Nº 146. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 17/12/2003.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DO PARANÁ.

Localizado na Avenida João Gualberto n.º 570, em um terreno de 10.000 m² com um bosque de árvores centenárias, o palacete foi construído para residência de Agostinho Ermelino de Leão (1866-1907) e Maria Clara de Abreu Leão, que se casaram por volta de 1890 e tiveram oito filhos.

Um dos maiores ervateiros paranaenses, Agostinho Ermelino de Leão Júnior, possuía um engenho de erva-mate na atual Avenida João Gualberto. Por volta de 1890 mudou-se para Ponta Grossa, onde enriqueceu. Quando retornou à Curitiba, cinco anos depois, deu início à construção do palacete, segundo projeto do engenheiro Dr. Cândido Ferreira de Abreu (1856-1919), irmão de Maria Clara.

A família mudou-se para o palacete por volta de 1902, pois Maria Clara Leão de Macedo, penúltima filha do casal, nasceu nessa casa em 1903. Rosi Woisky de Macedo, nora de Maria Clara Leão de Macedo, conta que a família mudou-se para lá dois meses antes de sua sogra nascer.

A edificação é um exemplar de arquitetura eclética. Possui pavimento único sobre porão alto, com cinco vãos de portas em arco pleno, ao longo da fachada principal, enriquecida por pesada ornamentação e encimada por platibanda com balaustrada e pináculos. A ampla varanda, a escadaria bifurcada com guarda-corpo em balaustrada e postes de iluminação integrados ao conjunto, destacam-se à frente. 🌸





PALACETE WOLF

José Wolf, imigrante de origem austríaca que chegara ao Brasil em 1858, e que naquele mesmo ano montara em Curitiba a primeira cervejaria, requereu em 1875 "cem palmos" de terreno no Largo da Igreja do Rosário para construir um edifício. Não se sabe se a finalidade de sua construção era de moradia permanente da família, que possuindo uma chácara nos arredores da cidade utilizava a casa do antigo Largo do Rosário para reuniões sociais, como a festa realizada no dia 21 de abril de 1877 comemorando a instalação da loja Maçônica Concórdia IV. Entre 1889 e 1895 serviu esse prédio ao Quartel-General do 5º Distrito do Exército brasileiro. Dez anos depois da saída do quartel, foi a casa alugada ao Colégio Bom Jesus, pertencente aos franciscanos, que ali instalaram a seção alemã daquele educandário, permanecendo no prédio até 1911. O inquilino seguinte foi o próprio município, cuja Prefeitura e Câmara nele permaneceram por um ano, de 1912 a 1913. Sucederam-se diversos locatários - uma escola particular de música, uma livraria e um escritório de engenharia. No início dos anos 70 havia se tornado uma casa de cômodos, abrigando mais de uma dezena de famílias que viviam em precárias condições. Em 1974, Jaime Lerner, então prefeito de Curitiba tomou a iniciativa de promover sua desapropriação para ali instalar a recém-criada Fundação Cultural, contratando naquele mesmo ano os arquitetos Cyro Corrêa de Oliveira Lyra e José La Pastina Filho para projetarem a restauração e reciclagem do prédio. Eliminados diversos acréscimos e divisões internas introduzidas na edificação, ao longo de sua história, estabilizada sua estrutura, demolida a platibanda e refeito o beiral em telhas alemãs, recuperada sua primitiva coloração amarela-ocre, restabeleceu-se a dignidade do antigo palacete dos Wolf.

Ocupando área de esquina de 300m², em frente à Igreja de N. Sra. do Rosário, exemplifica esse monumento a arquitetura nobre urbana de residência da segunda metade do século XIX.

O ecletismo de sua arquitetura é expresso pela convivência de influências do neoclássico, urbano por excelência, com elementos culturais de origem germânica típicos de suas edificações rurais. Neoclássica é a composição das fachadas. Na principal, o eixo de simetria, marcado pela superposição da porta de entrada, sacada e porta superior, divide duas seqüências ritmadas, iguais, de janelões flanqueados por pilastras de fuste canelado. Ressaltos almofadados em ponta de diamante ornamentam os paramentos de alvenaria, abaixo e acima das aberturas. A tradição germânica se faz presente na cobertura, de telhas cerâmicas, em forma de escama, ditas alemãs; na técnica construtiva do enxaimel das paredes dos fundos e nos lambrequins de madeira recortada que enfeitam os beirais das varandas internas.

A disposição do espaço, em L, proporciona um pequeno pátio interno. A distribuição dos aposentos é comandada por um corredor central, ligando em ambos



LOCALIZAÇÃO: ESQUINA DA RUA DO ROSÁRIO COM A PRAÇA GARIBALDI - CENTRO.
DATA DE CONSTRUÇÃO: SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.
PROPRIETÁRIO: MUNICÍPIO DE CURITIBA.
TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 74/81. INSCRIÇÃO Nº 71. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 09/04/1981.
BIBLIOGRAFIA: LACERDA, MARIA THEREZA. LIMA, MARIA DE LOURDES, LYRA, CYRO CORRÊA DE OLIVEIRA. "PALACETE WOLF. ARQUITETURA, RESTAURAÇÃO E ADAPTAÇÃO", IN FUNDAÇÃO. REVISTA DA FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, Nº 1, CURITIBA, S.D.



os andares a frente da casa à varanda dos fundos. Para esse corredor se abrem os aposentos principais — as salas maiores voltadas para o exterior, as menores, para o pátio. Na extremidade direita da casa a antiga garagem é vazada por arcos, sendo o exterior aberto para a praça e o interior para o pátio. O tratamento interno segue a sobriedade característica da moradia tradicional brasileira, destacando-se, porém, a qualidade do trabalho de marcenaria nas esquadrias, na escada e nos detalhes da varanda. 🌿





PALÁCIO RIO BRANCO

Em 1890, decidido a instalar a Assembléia Legislativa do Estado do Paraná em prédio adequado, o governo paranaense contratou para projetá-lo o arquiteto Ernesto Guaita. Nascido na Itália, mas residente em Curitiba há 15 anos, Guaita ficou famoso com essa obra, tornando-se, a partir de então, o mais requisitado arquiteto da cidade.

Em 1896, um ano após sua conclusão, a Assembléia foi instalada, permanecendo ali até 1957, quando foi transferida para um novo prédio, no Centro Cívico da cidade, recém-inaugurado. Doado pelo governo do estado ao município, passou a abrigar a Câmara Municipal. Em 1972, foi construído um anexo para alojar o setor administrativo e os gabinetes de trabalho do presidente da Câmara e dos vereadores.

O Palácio Rio Branco, digno exemplo do ecletismo na arquitetura oficial, é um dos mais significativos edifícios históricos de Curitiba. A intenção monumental e o partido simétrico, valores tão caros à composição arquitetônica neoclássica, são revelados e enfatizados pela escadaria externa, pelo adro formado pelo recuo da entrada enquadrado pelas varandas, através das grandes colunas que margeiam o frontispício e pela própria disposição da planta. A linguagem greco-romana se expressa externamente pelos capitéis coríntios, cornijas, requadros e sobrevergas ressaltada em massa sobre os paramentos. Internamente, pinturas policromadas nas paredes e ornatos de gesso no teto enriquecem o Palácio.

O prédio foi restaurado de 1977 a 1978, segundo projeto e orientação dos arquitetos Cyro Corrêa de Oliveira Lyra e José La Pastina Filho. A restauração da pintura interna teve a orientação técnica de Maria Ester Teixeira Cruz. Unido aos fundos do Palácio por uma passarela de concreto e vidro, está o edifício anexo. Projetado pelo arquiteto Cyro Corrêa de Oliveira Lyra, forma esse prédio, na sua arquitetura de alumínio e vidro, erguido do chão por pilotis, um intencional contraponto com o Palácio, de alvenaria e massa, no terreno plantado. 🌿



LOCALIZAÇÃO: RUA BARÃO DE RIO BRANCO, ESQUINA COM VISCONDE DE GUARAPUAVA – CENTRO.

DATA DA CONSTRUÇÃO: 1891-1895.

AUTOR DO PROJETO: ERNESTO GUAITA.

PROPRIETÁRIO: MUNICÍPIO DE CURITIBA.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 67/77. INSCRIÇÃO Nº 66. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 06/03/1968.

BIBLIOGRAFIA: CARNEIRO, NEWTON. "ERNESTO GUAITA, CONSTRUTOR DO PRÉDIO", IN O PALÁCIO DO CONGRESSO. CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA, BOLETIM DA CASA ROMÁRIO MARTINS, Nº 23, ANO 4. CORÇÃO, IZABEL. "PALÁCIO DO CONGRESSO", CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA, IN ID, LYRA, CYRO CORRÊA DE OLIVEIRA. "ARQUITETURA E RESTAURAÇÃO DO PALÁCIO RIO BRANCO", IN ID. LYRA, CYRO CORRÊA DE OLIVEIRA. PROJETO DO ANEXO DA CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA, 1972. XAVIER, ALBERTO. ARQUITETURA MODERNA EM CURITIBA, ED. PINI, CURITIBA, 1986.





PALÁCIO SÃO FRANCISCO

A denominação Palácio São Francisco, decorre do local onde se situa, frente à área em que, no século XVIII, os franciscanos tiveram sua capela, e que ficou conhecida como Alto de São Francisco. Foi mandado construir por Julio Garmatter, próspero fazendeiro paranaense, que ali residiu de 1929 a 1936, com sua família. Atendendo ao apelo que lhe fez seu amigo Manoel Ribas, interventor do estado, Garmatter vendeu, em 1938, a propriedade ao governo do Paraná para instalação da sede governamental. Em 1954 foi o governo transferido para o Centro Cívico, indo ocupar os edifícios construídos para aquele fim, sendo o Palácio São Francisco cedido ao governo federal para abrigar o Tribunal Regional Eleitoral, que ali permaneceu até 1987. Devolvido ao governo do estado foi restaurado pela Curadoria do Patrimônio Histórico e Artístico, com apoio da SPHAN/Pró Memória, cujo representante no Paraná, o arquiteto José La Pastina Filho, coordenou os trabalhos de restauração da arquitetura. Os de pintura de tetos e paredes internas foram dirigidos pela restauradora Suely Deschermayer.

Esse edifício de dois pavimentos, subsolo e sótão, está construído no meio de amplo terreno. Sua arquitetura, marcada pelo predomínio das superfícies cegas, monumentalidade de escala, ausência de ornatos e rigor da composição, revela influência germânica, freqüentemente presente em Curitiba. Espelha também o período de transição entre o ecletismo neoclássico e o modernismo, mantendo, do primeiro, a simetria, manifesta na imponente fachada posterior; e do segundo, a nudez das paredes. O sótão, não ocupando toda a superfície da casa, é cercado por um terraço de cobertura cujo guarda-corpo, em alvenaria, parcialmente vazado, é a platibanda de arremate das fachadas. Destacam-se do rígido volume o pórtico coberto por terraço, que protege a entrada situada na fachada lateral, e a parede saliente, de forma cilíndrica, na frontaria do Palácio.

A restauração, feita em 1987, restabeleceu de modo geral a divisão dos espaços, revelou o tratamento original das paredes, eliminou o compartimento construído sobre o pórtico da entrada mas manteve o edifício contíguo ao Palácio, erguido nos anos 60, distinguindo-o porém através de diferenciação da tonalidade pictórica.

A partir de Dezembro de 2002, com a construção de um anexo passou a abrigar o Museu Paranaense. 🌿



LOCALIZAÇÃO: RUA DR. KELLER, 289.

DATA DA CONSTRUÇÃO: FINAL DA DÉCADA DE 20.

PROPRIETÁRIO: ESTADO DO PARANÁ.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 002/87, INSCRIÇÃO Nº 87, LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 27/11/1987.

BIBLIOGRAFIA: LA PASTINA FILHO, JOSÉ. "O PALÁCIO SÃO FRANCISCO. ARQUITETURA E RESTAURAÇÃO", IN FOLHETO DE DIVULGAÇÃO. MUSEU DE ARTE DO PARANÁ, CURITIBA, 1987. POLINARI, MARCELLO. "BREVE HISTÓRICO DO PALACETE SÃO FRANCISCO", TEXTO DATILOGRAFADO, SECRETARIA DO ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ, COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL, CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO, CURITIBA, 1987.





PANTEÃO DO CEMITÉRIO DE SANTA FELICIDADE

Nas proximidades da igreja paroquial, na rua principal do bairro de Santa Felicidade, a 7 km de Curitiba, está o cemitério, em terreno doado em 1886 pelos Smaniotto, uma das famílias de origem italiana que formaram a antiga colônia de Santa Felicidade. A precariedade de sua proteção, restrita a uma cerca de madeira e a exigüidade de espaço, levaram a comunidade local a proceder à ampliação e melhoria de suas instalações com a construção de um panteão, inaugurado em 1º de novembro de 1897.

Consiste o panteão em galeria de aproximadamente 50m, dividida em 19 módulos, destacando-se ao centro a capela principal, abrangendo três tramos encimados por frontão triangular e guarnecida por quatro colunas, de fuste canelado e capitel toscano. Cada vão do porticado pertence a uma família, que ali tem sua capela mortuária. Construído em alvenaria de tijolo, pintado na cor ocre, o panteão com frontão triangular central e arquitrave com triglifos na prumada das colunas manifesta a ancestralidade mediterrânea dos seus mortos, registrando, ao mesmo tempo, no vocabulário clássico, a corrente estilística em voga no final do século. ✽



LOCALIZAÇÃO: SANTA FELICIDADE, CURITIBA.

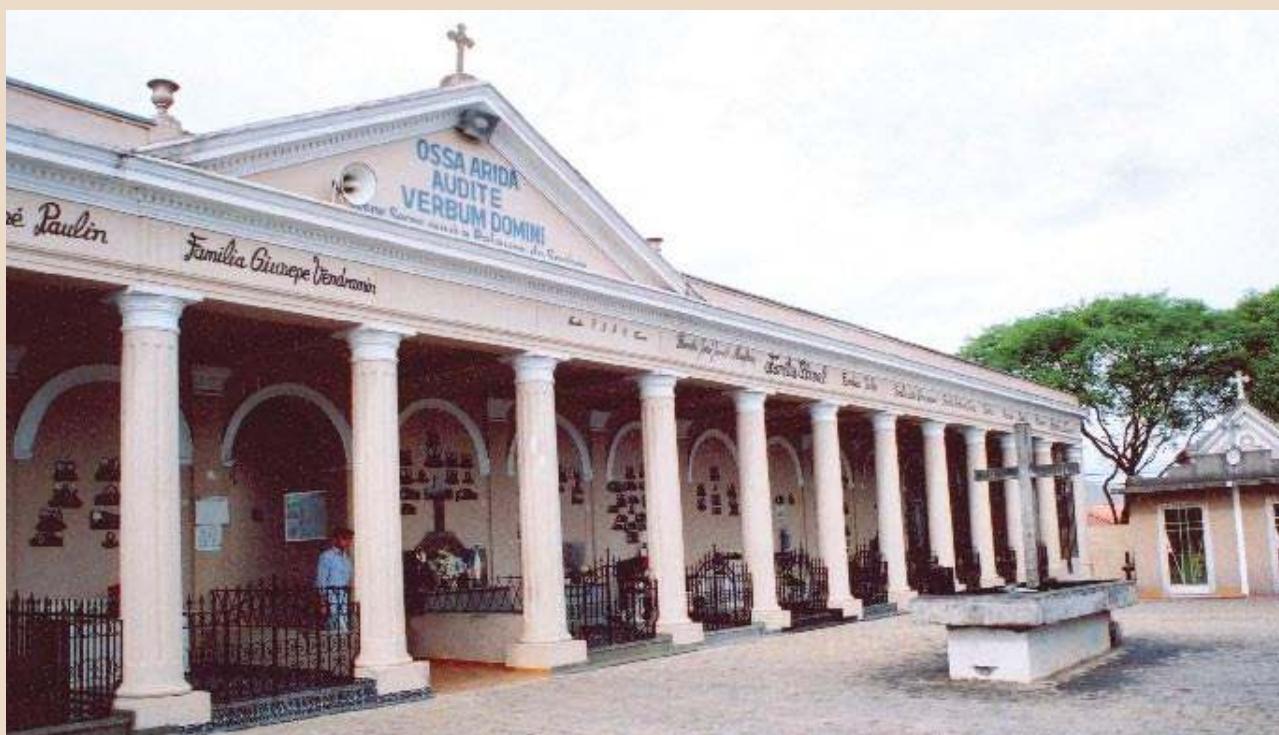
DATA DA CONSTRUÇÃO: 1897.

PROPRIETÁRIO: PARÓQUIA DE SANTA FELICIDADE.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 61/77. INSCRIÇÃO Nº 60. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 20/06/1977.

BIBLIOGRAFIA: BALHANA, ALTIVA PILATTI, SANTA FELICIDADE UM PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO, TIPOGRAFIA JOÃO HAUPT E CIA LTDA., CURITIBA, 1958.

MARTINI GIUSEPPE ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA COLÔNIA SANTA FELICIDADE, TRAD. DE ROSY DE SÁ CARDOSO. TIPOGRAFIA A. FRATTINI E CIA., CURITIBA, 1968.





PARQUE ESTADUAL PAPA JOÃO PAULO II



LOCALIZAÇÃO: CENTRO CÍVICO, CURITIBA.

DATA DA CONSTRUÇÃO: 1986.

PROPRIETÁRIO: ESTADO DO PARANÁ.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº 012/90. INSCRIÇÃO Nº 21, LIVRO DO TOMBO ARQUEOLÓGICO, ETNOGRÁFICO E PAISAGÍSTICO. DATA: 04/09/1990.

BIBLIOGRAFIA: VALENTIN L. JUSSARA. A ARQUITETURA DO IMIGRANTE POLONÊS NA REGIÃO DE CURITIBA, INSTITUTO GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE, 1982.

WACHWICZ, RUY, MACEDO, RAFAEL GRECA DE, ASSIS FILHO, WALDIR, E TEMPSKI, EDWINO. TEXTOS IN BOSQUE JOÃO PAULO II, BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS, CURITIBA, JULHO DE 1981.

Situado a apenas 3 km do centro da cidade, às margens do Rio Belém, o Parque, com uma área de 46.337m² evoca a visita do Papa João Paulo II a Curitiba e homenageia a colônia polonesa. Possui vegetação característica da região, na qual sobressaem as araucárias, e preserva um conjunto de casas de troncos, características da imigração polonesa. No dia 5 de julho de 1980, em uma dessas construções, trasladada da colônia de São Miguel Arcanjo para um estádio de futebol, deu-se o encontro de João Paulo II com os descendentes de poloneses. Posteriormente foi a casa desmontada e recolocada, junto a outras, congêneres, nesse Parque, passando a abrigar uma capela evocativa da visita do Papa. É o Parque um memorial evocativo desse acontecimento e da saga dos poloneses, que constituíram o mais numeroso contingente étnico a se instalar no Paraná. A imigração polonesa teve início em 1871, com a fixação de 164 poloneses na colônia do Pilarzinho, a 3km do centro de Curitiba. Distinguiu-se de outras correntes imigratórias pelo seu caráter eminentemente camponês e por um singular apego às suas tradições culturais, inclusive na agricultura, que incluía não só produtos mais adequados às condições mesológicas como o milho, a batata e o feijão, como também o centeio e a “tartaca”, componentes essenciais para o fabrico de um item básico da culinária tradicional: a broa preta. Estendeu-se essa atitude de preservação das tradições aos demais aspectos da vida do imigrante polonês — religião, vestimentas, festas, linguagem e, evidentemente, à arquitetura. O programa arquitetônico de cada unidade familiar rural abrangia a moradia o paiol e os galpões para “animais” e implementos agrícolas.

Os sistemas construtivos variavam conforme as regiões de origem dos imigrantes. Além da madeira como matéria-prima, construíram também em alvenaria de tijolo, e com estruturas de madeira (enxaiméis) vedadas por taipa de mão. Mas sem dúvida foi a técnica de construção com troncos de pinheiro que se identificou como tipologia arquitetônica do imigrante polonês, pois foi o único grupo étnico que a empregou. Técnica milenar, cujos testemunhos mais antigos foram resgatados em pesquisas arqueológicas realizadas na região de Luzice, no Oeste da Polônia, veio para o Sul do Brasil e ali foi implantada não só pelo atavismo de um grupo étnico camponês, mas também pela disponibilidade de matéria-prima — a madeira de pinho — em uma região coberta, ainda, por grandes extensões de florestas de araucária. O conhecimento acumulado e transmitido de geração a geração, de construir com troncos de árvores, vai induzir o imigrante a aplicar a mesma técnica, substituindo apenas o abeto de sua terra natal pelo pinheiro — a araucária — do Novo Mundo.

O sistema utilizado para as moradias, galpões e paióis, consiste em paredes feitas com troncos, falcados em quatro faces, dispostos horizontalmente e encaixados nas extremidades. As coberturas em duas águas, com a cumeeira paralela à fachada principal, possuíam originalmente telhado feito com tabuinhas — pequenas telhas de madeira. À medida que se implantaram olarias, foram sendo substituídas

por telhas alemãs ou por telhas francesas, como é o caso das construções instaladas no Parque João Paulo II.

A iniciativa de trasladar essas casas foi a solução encontrada pela Prefeitura diante do risco de desaparecimento que corriam. Duas delas foram doadas por seus proprietários: a que foi visitada pelo Papa e um antigo paiol. A primeira, doação da família Pianowski, tem registrada na viga central a data de 1883. A capela nela instalada é dedicada a Nossa Senhora de Montes Claros, a Virgem negra de Czestochowa, devoção maior da Polônia. No paiol foi montado um pequeno museu agrícola, onde estão expostos instrumentos rudimentares dos primórdios da colonização.

As duas outras edificações do Parque foram adquiridas pela Prefeitura Municipal. Ali funcionam o Museu da Habitação do Imigrante com mobiliário e utensílios domésticos e uma loja de venda de artesanato da cultura polonesa. 🌿







PASSEIO PÚBLICO

No dia 2 de maio de 1886 o Presidente da Província do Paraná, Alfredo D'Escagnolle Taunay inaugurou o Passeio Público de Curitiba. Possuía a extensão de 48.000 m² e era delimitado, ao norte pelo Boulevard Dois de Julho, atual Avenida João Gualberto; a Oeste com a Rua Fontana, atual Rua Presidente Faria; ao Sul com a Rua do Serrito, atual Rua Presidente Carlos Cavalcante; e a Leste, com os terrenos do Coronel Joaquim José Bellarmino Bittencourt, atual sede do Círculo Militar e de D. Laura Borges, atual Colégio Estadual do Paraná. Com o objetivo de ampliar essa área o governo desapropriou os terrenos hoje ocupados pela Casa do Estudante, o Colégio Estadual do Paraná e o Largo do Bittencourt, antigo engenho Bittencourt, o que teria resultado em cerca de 95.000 m², sendo 25.000 m² constituídos de lagos e canais. Porém, com a doação de parte desses terrenos, limitou-se a extensão do Passeio aos 70.000 m² que atualmente possui.

O objetivo inicial da ação governamental era sanear e modernizar a cidade tendo em vista que os rios localizados no centro da cidade, como o Ivo e o Belém estavam assoreados, com acumulação de resíduos vegetais e a presença de vetores que os convertiam em focos de transmissão de doenças. O Rio Ivo foi limpo, porém o Belém, por situar-se mais distante no Boulevard Dois de Julho, e por ser muito estreito e sinuoso não recebeu o mesmo tratamento. Também era preciso conter as águas da chuva, que aliadas às condições geográficas da cidade, com muitos rios e riachos, acabavam por alagar as ruas.

Após estudos, decidiu-se pela construção de um parque público, para solucionar os problemas, pois o projeto contemplaria o controle da vazão dos rios com diques, o replantio das espécies da flora nativa em suas margens, e a contenção da expansão desordenada da população. Além desses aspectos havia o de modernização, pois Curitiba, ao contrário de outras capitais ainda não possuía um jardim público.

O Presidente da Província e o Comendador Francisco Fasce Fontana aprovam a criação do parque, que teve como responsável pelo projeto de saneamento, o engenheiro Giovanni Lazzarini, assumindo o Comendador os assuntos administrativos.

Após a inauguração oficial, as obras continuaram, inclusive a construção de uma ponte sobre o Rio Belém, uma ponte-cais nas margens do lago, uma entrada com duas avenidas ao lado sul além da instalação de um carrossel. A 2 de julho de 1887 foi inaugurada a iluminação do Passeio, feita por oito lâmpões a gasolina doados por comerciantes e industriais da cidade, número que seria duplicado logo depois. Em 1892, porém, o sistema de iluminação é modificado com a utilização de eletricidade.

A concepção do parque, como ocorreu com os jardins públicos construídos na época, segue o modelo dos jardins ingleses, inspirados no romantismo, com a recriação da natureza através da construção com cimento e concreto de grutas, pedras, troncos, além da execução de lagos artificiais e alamedas sinuosas.





Seguindo essa linha, no desenvolvimento do projeto sob a responsabilidade do arquiteto Bouvard, os canais foram eliminados, permanecendo somente o Rio Belém e o grande lago formado por suas águas. Foi projetado um muro com argamassa de cimento que reproduzia troncos de árvores e um portão em ferro, construído em 1913, segundo projeto dos arquitetos franceses Rouch e Troy, baseado no portão do Cemitério dos Cães em Paris, o qual, por sinal, também é protegido como patrimônio. Outras implementações foram realizadas, como a instalação de um coreto com inspiração mourisca, duas grutas, e o busto de Francisco Fasce Fontana, além de muitas outras que foram realizadas ao longo dos anos.

Entre os atrativos atuais, destacam-se, as ilhas dos Macacos, das Garças, dos Amores e da Ilusão, o aquário, o viveiro da cascata, grutas, ponte pênsil, palco flutuante e gaiolas com pássaros de variadas espécies. 🌿



LOCALIZAÇÃO: CENTRO (QUARTEIRÃO COMPOSTO POR AVENIDA JOÃO GUALBERTO, RUA PRESIDENTE FARIA, RUA PRESIDENTE CARLOS CAVALCANTI E RUA LUIZ LEÃO).

DATA DE CONSTRUÇÃO: 1886.

PROPRIETÁRIO: PREFEITURA MUNICIPAL

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO N.º 002/96. INSCRIÇÃO N.º 22. LIVRO DO TOMBO ARQUEOLÓGICO, ETNOGRÁFICO E PAISAGÍSTICO. DATA: 08/11/1999.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.







PORTÃO DO PASSEIO PÚBLICO



LOCALIZAÇÃO: ESQUINA DAS RUAS PRESIDENTE FARIA E AV. JOÃO GUALBERTO.

DATA DA CONSTRUÇÃO: 1910.

PROPRIETÁRIO: MUNICÍPIO DE CURITIBA.

TOMBAMENTO ESTADUAL: PROCESSO Nº52/74.

INSCRIÇÃO Nº51. LIVRO DO TOMBO HISTÓRICO. DATA: 10/09/1974.

BIBLIOGRAFIA: ARQUIVOS DA CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ.

O Passeio Público, parque recreativo municipal, localizado em plena área central de Curitiba, foi inaugurado no dia 17 de fevereiro de 1886. Iniciativa do presidente da província do Paraná, Alfredo D'Escagnolle Taunay, o parque resultou do saneamento, arborização e urbanização de uma área pantanosa, de aproximadamente 50 hectares, dos quais apenas uma oitava parte constituía terreno firme, doada ao governo provincial por Francisco Fontana, a quem coube, inclusive, a direção dos trabalhos. O portão principal, iniciativa da Prefeitura, foi construído em 1910, obedecendo a projeto inspirado na entrada do Cemitério de Cães d'Asnières, situado nas proximidades de Paris, cujo desenho muito impressionara o engenheiro Candido de Abreu, então prefeito de Curitiba.

Compõe-se de um conjunto de três portões: o central, mais largo e mais alto, destina-se ao tráfego de veículos; e os laterais, à passagem de pedestres. Uma estrutura de alvenaria de tijolo com arcos de plena volta possui ornamentos em massa, formando volutas de desenho influenciado pelo movimento art nouveau. Os portões propriamente ditos, que guarnecem os vãos, são de ferro forjado com desenho inspirado em formas vegetais. ❁

